

Os grandes  
desafios da nossa  
organização  
pag 3

Forestis participa  
em visita à  
Finlândia  
pag 4

Evento  
no Algarve  
foi um sucesso  
pag 9

Entrevista  
AFBV celebra  
25 anos  
pag 14-18

# F( )RESTIS

forestis  
associação florestal de portugal

MAGAZINE

DEZEMBRO | 2024

Nº1

## A FLORESTA É O NOSSO COMPROMISSO



# ÍNDICE

---

- 3 Mensagem do Presidente da Forestis
- 4 Forestis na Finlândia
- 5 Encontro de Técnicos no RAIZ
- 6 Opinião: Salvador Malheiro
- 7 Certificação Florestal
- 8 Advance Forest reúne parceiros
- 9 Monchique acolheu Seminário
- 10 Talk na FIMAP
- 11 Secretário de Estado em Boticas
- 12 Presidente da Forestis no Terra 4.0
- 13 Finalista do Europa Se Siente
- 14 Entrevista ao Presidente da AFBV
- 19 Baldios: Análise em Montalegre
- 20 Opinião: Fernando Mota
- 22 Rede Forestis

## **Ficha Técnica:**

**Edição e coordenação:**  
Departamento de Comunicação Forestis

**Conteúdos:**  
Forestis

**Equipa Técnica:**  
André Chaves  
Ana Ferreira  
Cláudia Magalhães  
Lurdes Barbosa  
Miguel Gonçalves  
Sandra Correia  
Rosário Alves

**Departamento de Comunicação**  
Teresa Santos

**Design:**  
Opal publicidade

**Produção gráfica:**  
Empresa do Diário do Minho, Lda.

**Tiragem:**  
500 exemplares

**Morada e sede:**  
Rua de Santa Catarina, n° 753,  
4480-454 Porto

**Contato:**  
tel.: 222 073 130  
geral@forestis.pt  
<https://portal.forestis.pt/>

Copyright Forestis.  
Todos os direitos reservados 2024.

# MENSAGEM

## Presidente da Direção da Forestis

### A FLORESTA É O NOSSO COMPROMISSO

#### Investir na Florestas é semear o futuro

Vivemos um momento crucial para a gestão florestal em Portugal. Com um esforço coletivo, é imperativo mudar de página já em 2025. As nossas florestas são um património de valor natural incalculável que enfrentam inúmeros desafios, mas também abrem portas a novas oportunidades.

Como Associação Florestal de Portugal, a Forestis tem uma missão preponderante no futuro para se alcançar uma Floresta mais sustentável e resiliente.

#### O Mercado Voluntário de Carbono: Uma Nova Fronteira

O crescente interesse global na mitigação das alterações climáticas impulsiona o surgimento de mercados de carbono. Para nós, proprietários florestais, este mercado representa uma oportunidade única de gerar receitas adicionais a partir da captura e armazenamento de carbono nas nossas florestas. No entanto, a complexidade deste mercado, a necessidade de certificações e a definição de projetos sustentáveis exigem um acompanhamento técnico especializado.



#### Bioeconomia: Valorizando a Floresta além da Madeira

A bioeconomia apresenta-se como um caminho promissor para a valorização dos recursos florestais. A produção de biocombustíveis, bioprodutos e biomateriais a partir da biomassa florestal abre novas oportunidades de mercado e contribui para a economia circular. A nossa Associação estará à altura para explorar estas novas vertentes, promovendo a investigação e o desenvolvimento de produtos inovadores com os parceiros adequados.

#### Certificação Florestal: Um Passaporte para o Mercado Global

A certificação florestal é cada vez mais exigida pelos nossos consumidores e pelos mercados internacionais. Ao obter certificações, demonstramos que a nossa gestão florestal é sustentável e responsável, o que valoriza os nossos produtos e facilita o acesso a novos mercados. A nossa associação deve apoiar os seus associados na obtenção de certificações e na divulgação dos benefícios associados.

#### Os Baldios: Um desafio a superar

Os baldios constituem uma parcela significativa do território florestal português. A sua gestão e a falta de planeamento têm levado a uma degradação ambiental e a um aumento do risco de incêndios. A nossa associação está empenhada em trabalhar em conjunto com as entidades públicas para encontrar soluções que promovam a gestão sustentável dos baldios, garantindo a sua conservação e valorização.

#### Os nossos desafios para 2025

O futuro da gestão florestal em Portugal depende do nosso trabalho coletivo. Ao trabalharmos em conjunto, pretendemos construir um futuro promissor para as nossas florestas e para a sociedade.

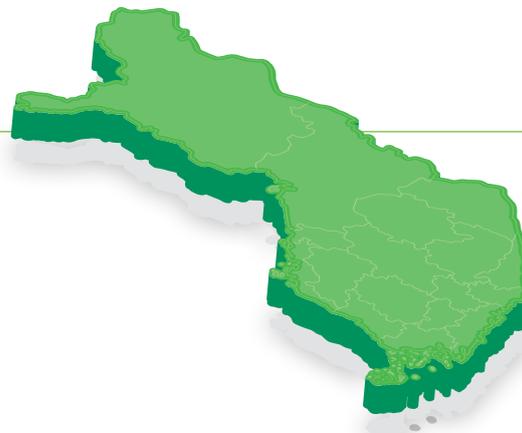
Há 32 anos que a Forestis está empenhada em apoiar as suas Associadas, fornecendo informação, formação técnica e ferramentas para que possam tomar decisões concertadas e aproveitar as oportunidades que se apresentam.

Queremos fazer mais e melhor, por isso contamos com a resiliência de todos os parceiros para embarcar na máxima força em novos projetos em 2025.

Agradecemos a vossa confiança!

Carlos Duarte

# FORESTIS PARTICIPOU EM VISITA À FINLÂNDIA



A Associação Florestal de Portugal integrou a delegação portuguesa que esteve na Finlândia, em novembro. A visita teve como principal objetivo reforçar a cooperação na gestão integrada de fogos rurais e na proteção sustentável dos territórios.

A delegação portuguesa, constituída pela Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais (AGIF), o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), integrou igualmente elementos do associativismo e indústria florestal. Ao longo da missão, reuniu-se com várias entidades finlandesas para partilhar conhecimento e explorar novos projetos de gestão florestal.

No encontro foi destacada a importância de iniciativas conjuntas para alavancar sinergias, fortalecer a resiliência das comunidades e enfrentar os desafios das alterações climáticas.

Um memorando de entendimento entre a Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais (AGIF) e o Instituto de Recursos Naturais da Finlândia (Luke) foi firmado com a presença do ministro português, José Manuel Fernandes e da ministra da Agricultura e Florestas da Finlândia, Sari Essayah. “Este memorando reflete o nosso compromisso com a partilha e cooperação

a nível europeu, essenciais para proteger as nossas populações, os nossos bens e a biodiversidade”, realçou o ministro da Agricultura, José Manuel Fernandes.

Importa referir que o trabalho desenvolvido em prol do setor florestal pelos dois países não é recente. Em outubro de 2022 foi concluído um projeto de bioeconomia em Portugal em parceria com a Luke (Natural Resources Institute Finland) e pela Arbonaut (Building digital twins of forests).

O projeto de colaboração entre a Finlândia e Portugal, que teve início na sequência



dos devastadores incêndios florestais em Portugal em 2017, resultando num estudo de viabilidade produzido pela Luke e pelo seu parceiro local, a Universidade ISEG, com foco na construção de pequenas centrais de biomassa em Portugal. Posteriormente foi lançado no nosso país um concurso público para as autoridades locais criarem pequenas centrais elétricas a biomassa com base neste estudo de viabilidade.

A Forestis considera o futuro da bioeconomia florestal em Portugal promissor, especialmente com as tendências globais de aumento da procura por produtos sustentáveis e da transição para fontes de energia renováveis.



Procuramos coletivamente junto das nossas OPF's impulsionar em várias áreas inovação, como os produtos de valor acrescentado, energia renovável, tecnologias de digitalização e monitorização e cadeias de valor integradas e fomento e implementação do sistema de gestão florestal sustentável.

A iniciativa proporcionou uma oportunidade singular para analisar in loco uma série de projetos inovadores e de boas práticas desenvolvidas por entidades finlandesas, no âmbito da gestão florestal sustentável.

A Forestis teve a oportunidade de observar como a Finlândia tem impulsionado a adoção de tecnologias avançadas, bem como a implementação de políticas públicas adequadas e fomentado parcerias entre o setor privado e as comunidades locais, para promover uma gestão responsável e eficiente dos seus recursos florestais.

A partilha de conhecimento e troca de experiências possibilitou à nossa Associação adquirir insights valiosos sobre estratégias de gestão florestal, combate aos incêndios, certificação florestal, uso sustentável da madeira e outros produtos florestais.



# EVENTO DA FORESTIS NO RAIZ TEVE MUITA ADESÃO DE TÉCNICOS



A Forestis- Associação Florestal de Portugal promoveu uma reunião de Organizações Florestais, no RAIZ -Instituto de Investigação da Floresta e Papel, no passado dia 15 de novembro. A ação reuniu mais de três dezenas de técnicos da rede Forestis e surgiu no âmbito do protocolo que celebramos com a The Navigator Company.

O responsável pela Inovação e Desenvolvimento Florestal da The Navigator Company, José Luís Carvalho explicou as diferentes áreas de atividade do Raiz, realçando o papel do organismo na investigação e prestação de serviços e consultoria especializados, vincando o desenvolvimento de soluções inovadoras promotoras de uma nova bioeconomia.

Saliente-se que, a área de I&D e Consultoria Florestal do RAIZ desenvolve conhecimento científico e tecnologias state of the art aplicadas à genética e silvicultura do eucalipto.

Por sua vez, Alexandre Gaspar e Susana Morais da The Navigator Company fizeram uma exposição técnica sobre várias temáticas e orientaram uma visita efetuada à Fábrica existente no Raiz, onde foi possível ver os diferentes projetos que estão na forja.

Quanto ao i-TEC Floresta foi criado para disponibilizar um leque de informações normalmente difícil de encontrar, disse Daniela Ferreira, coordenadora das áreas de consultadoria florestal e de I&D de Genética do Raiz.

A nova plataforma disponibiliza três menus principais: um geovisualizador (com a cartografia aplicada à gestão de eucaliptais); um geocatálogo (com a lista da cartografia disponível para descarregar em diferentes formatos); e geoferramentas de modelação, com vários simuladores úteis à gestão.

Durante a tarde teve lugar a apresentação dos programas operacionais para a floresta: Limpa e Aduba, Replantar, Recuperação de Ardidos e Melhor Floresta, pelo coordenador do Projeto Melhor Eucalipto da Biond, António Macedo.

No que concerne ao Programa Limpa e Aduba, o técnico florestal, André Ferreira explicou que surge no âmbito do Melhor Eucalipto, promovido pela Biond e pelas suas associadas, com o propósito de implementar um programa operacional, traduzido em obra no terreno, através de apoio técnico e financeiro aos proprietários e produtores florestais, em áreas com boa

aptidão para o eucalipto e maioritariamente em regiões de minifúndio. Este programa contempla cerca de 84% da área nacional de eucalipto sob gestão não industrial.

A investigadora do RAIZ, Catarina Gonçalves fez uma alusão às várias pragas e doenças, esclarecendo que em Portugal estão identificados 14 insetos australianos que se alimentam de eucaliptos e que a maioria foi introduzida nas duas últimas décadas.

Quanto à praga Traquimela, a investigadora explicou que se trata um inseto desfolhador do eucalipto, que tem um desenvolvimento rápido de cerca de cinco semanas, permitindo ter uma geração por ano. Esta praga alimenta-se preferencialmente de folhas adultas, de diversas espécies de eucalipto, tanto na fase adulta como larvar. Os seus estragos ocorrem na copa da árvore. No que se refere às ações mitigadoras para manutenção do povoamento é recomendado o controlo químico, que coânsiste na aplicação de um produto fitofarmacêutico específico autorizado para o controlo desta praga.



# AS CENTRAIS DE BIOMASSA TÊM QUE SER VERDADEIRAS BIOREFINARIAS



Salvador Malheiro\*

OPINIÃO

É cíclico. Sempre que os incêndios florestais assolam o País com maior intensidade, as centrais termoelétricas a Biomassa florestal são objeto de discussão e passam a estar na agenda nacional.

As mais valias das centrais a biomassa começam a ser conhecidas já por todos, sem exceção. É mesmo um lugar comum. A biomassa florestal é um recurso endógeno renovável. A transformação energética, usando biomassa florestal como fonte de energia primária para fins térmicos e/ou elétricos, é um processo neutro em emissões de dióxido de carbono. A produção de eletricidade a partir da biomassa não é um processo intermitente e permite elevada despachabilidade e previsibilidade. O uso de biomassa florestal em instalações energéticas promove a limpeza das florestas. Contribui para uma melhor gestão florestal. Retira carga combustível das florestas. Reduz significativamente o risco de incêndios. Promove o desenvolvimento do mundo rural. E induz coesão territorial no País.

Dito isto, o pragmatismo tem que imperar. Temos que nos confrontar com a realidade. O País já não suporta mais casos de feed-in-tariffs. Não existe um mercado consolidado de recolha e transação de resíduos florestais. Para a maioria dos players individuais não compensa a limpeza das florestas porque a biomassa não é valorizada com um preço justo à porta da central. A Termodinâmica não permite que as centrais a biomassa dedicadas à produção de eletricidade, baseadas no ciclo de Rankine com sobreaquecimento, tenham rendimentos finais superiores a 30%.

Perante este cenário há que aumentar a viabilidade económica das instalações energéticas a biomassa florestal por forma a que os promotores consigam rentabilizar os investimentos vendendo energia elétrica a preços de mercado (e não com feed-in-tariffs) e pagando o preço justo pela biomassa entregue na central. Para isso há que apostar no aumento do rendimento energético global das instalações

com a produção simultânea de energia térmica para aquecimento e arrefecimento. E na incorporação de mais valor nas instalações energéticas a biomassa com a aposta em novos produtos transacionáveis, em complemento à produção de energia tradicional, como é o caso dos biocombustíveis. Em suma as novas centrais de biomassa devem ser verdadeiras biorefinarias.

Atualmente existem tecnologias maduras que permitem a produção de biocombustíveis sólidos, líquidos e gasosos a partir de biomassa florestal.

A estilha, os briquetes, o carvão vegetal e os pellets são exemplos de biocombustíveis sólidos produzidos a partir de biomassa florestal e que têm já mercado consolidado. Contudo nesta matéria aconselha-se uma política fiscal justa e que fomente o uso destes biocombustíveis em detrimento de outros concorrenciais, mas de origem fóssil.

Os biocombustíveis líquidos podem ser obtidos a partir de pirólise (bioóleos) ou mesmo a partir de processos análogos à clássica tecnologia Fischer-Tropsch que permite a produção de cadeias de hidrocarbonetos iguais às da gasolina e do gasóleo, e tudo isso usando apenas como matéria prima, biomassa florestal.

No tocante aos biocombustíveis gasosos, e num momento que tanto se fala de gases renováveis, uma das apostas das novas refinarias pode e deve ser a produção de gás pobre a partir do processo de gaseificação de biomassa, com a eventual posterior produção de biometano e até de hidrogénio.

Para terminar importa referir que estas novas centrais de biomassa de nova geração, que devem ser verdadeiras biorefinarias, para terem sucesso, devem ser dimensionadas em função do recurso florestal existente num raio máximo de 50 km e terem por base parques de biomassa florestal de iniciativa intermunicipal e com logística otimizada usando investigação operacional.

\* Membro do Conselho Superior da Forestis

# PROJETOS

## CERTIFICAÇÃO FLORESTAL DA FORESTIS FOI REVALIDADA EM 2024

A certificação florestal apresenta diversas vantagens, tanto para os proprietários florestais quanto para a sociedade em geral. Trata-se de ferramenta valiosa para promover a gestão sustentável das florestas em Portugal, gerando benefícios ambientais, sociais e económicos.

Este processo baseia-se na emissão de um certificado com validade de cinco anos, incluindo uma auditoria inicial (no 1º ano) para a concessão do certificado, seguida de três auditorias anuais de acompanhamento (no 2º, 3º e 4º anos) e culmina com uma auditoria de renovação no 5º ano.

A Forestis realizou a sua auditoria interna ao sistema nos dias 17, 18, 19 e 20 de junho de 2024, auditando 12 membros, incluindo AFC, AFLODOUNORTE, CAPOLIB, PORTUCALEA e VERDE LAFÕES. Integraram a equipa de acompanhamento, os técnicos da Forestis, Gabriel Vieira, Cláudia Magalhães, Miguel Gonçalves e Lurdes Barbosa e o consultor, Ricardo Torres.

Já a auditoria externa de renovação do certificado da Forestis foi conduzida nos dias 23, 24, 25 e 26 de julho de 2024, abrangendo 10 membros das nossas OPF

AFBV, CAPOLIB e PORTUCALEA.

Após a conclusão da auditoria de recertificação, que resultou na manutenção do certificado por mais 5 anos, o Grupo de Certificação GFS Forestis – OPF estabeleceu como metas para 2025 o aumento do número de aderentes e da área certificada. Além disso, pretende iniciar os serviços de ecossistemas (SE), em resposta aos pedidos das OPF.

O objetivo principal é assegurar que todas as OPF associadas tenham a capacidade de disponibilizar aos proprietários e produtores florestais a oportunidade de certificar as suas propriedades.

Em 2025 está prevista uma auditoria de acompanhamento (interna e externa) entre maio e junho. Caso o processo dos serviços de ecossistemas seja iniciado conforme planeado, será necessária uma auditoria de conceção. Esta poderá ser realizada em simultâneo com a auditoria de acompanhamento, otimizando os custos associados à entidade certificadora.

A certificação promove a implementação de práticas de gestão florestal que preservam a biodiversidade, protegem os

solos e os recursos hídricos e garantem a sustentabilidade económica das florestas.

Os produtos certificados possuem maior valor de mercado, tanto a nível nacional como internacional, o que pode gerar maiores receitas para os proprietários florestais.

Por outro lado, a certificação facilita o acesso a mercados mais exigentes, como o da construção sustentável e a indústria de papel e celulose, que valorizam produtos provenientes de florestas certificadas. A certificação demonstra também o compromisso do proprietário florestal com práticas sustentáveis, melhorando a sua imagem e reputação perante os consumidores, as comunidades locais e as instituições. As florestas certificadas desempenham um papel fundamental na captura de carbono, contribuindo para a mitigação das alterações climáticas.

A certificação Florestal fomenta ainda a conservação da biodiversidade e dos ecossistemas florestais, contribuindo para a proteção de espécies ameaçadas e habitats de valor ecológico.



Área total 9 516,18 ha

54 aderentes

OPF's aderentes:

CAPOLIB,  
AFBAIXOVOUGA,  
URZE,  
ASVA,  
VERDELAFÕES,  
PORTUCALEA,  
AFCAVADO,  
AFLODOURONORTE



## ESTRATÉGIAS CONCERTADAS COM OS PARCEIROS DO ADVANCE FOREST

Na qualidade de líder do consórcio, a Associação Florestal de Portugal reuniu, no dia 5 de novembro, com os parceiros do projeto Advance Forest, na sua sede no Porto.

Durante a intervenção inicial, o Presidente da Forestis salientou a relevância deste projeto para o setor florestal: “temos elevadas expectativas daquilo que podemos aprender em conjunto nesta nossa rede de cooperação, e que possamos ser uma rede colaborativa para o futuro, numa plataforma de reforço da capacitação e formação, que responda aquilo que são as necessidades do mercado dos diversos agentes económicos das várias fileiras”.

Carlos Duarte afirmou: “mais que a execução das ações, tendo os impactos que todos esperamos (...) caminhamos na experiência deste projeto com conhecimentos para alavancarmos para o futuro uma rede colaborativa, que nos dê a oportunidade para concretizarmos as nossas necessidades de capacitação”.

Na reunião de trabalho foi feito o ponto de situação sobre a execução técnica e financeira do projeto, assim como foram esclarecidas dúvidas e apresentado o cronograma das próximas atividades.

Marcaram presença no encontro representantes da Forestis, Biond, Altri, Fenaforest e The Navigator Company.

## FORESTIS ADERE AO PROJETO LIFE COOP CORTADERIA

A Associação Florestal de Portugal é uma das entidades aderentes à Estratégia Transnacional de luta contra Cortaderia do projeto europeu LIFE COOP Cortaderia “Stop Cortaderia + “Development and implementation of a transnational alliance against Cortaderia”, que arrancou há cerca de seis meses e tem a duração de cinco anos, com coordenação nacional a cargo da Escola Superior Agrária de Coimbra, ESAC-IPC. Realizou-se no dia 3 de Outubro a primeira reunião de trabalho no âmbito deste projeto.

Os principais objetivos do LIFE COOP Cortaderia passam pela promoção da cooperação e da ação coordenada para o controlo e a contenção da Cortaderia selloana no Arco Atlântico, a melhoria da governação pública e privada para enfrentar eficazmente a invasão, e o controlo das populações de Erva-das-pampas, protegendo especialmente as zonas costeiras da Rede Natura 2000 e os corredores fluviais, bem como trabalhar na contenção da espécie.

O projeto Life Coop Cortaderia pretende alavancar a transferência de conhecimentos científicos e técnicos para outras regiões biogeográficas onde a Cortaderia selloana também constitui um grave problema.

A espécie exótica invasora Cortaderia selloana (erva-das-pampas, penachos,

plumas, etc.) apresenta forte predominância nas zonas litorais do Norte e Centro de Portugal, estando a expandir-se agora para o interior do país. Trata-se de uma espécie responsável por perdas significativas de biodiversidade e da qualidade da paisagem, que impede o desenvolvimento de vegetação autóctone, provoca perda de conectividade de habitats para a fauna, reduz a produtividade de pastos e florestas, provoca problemas de alergias na espécie humana e afeta o turismo por via da deterioração das paisagens naturais, sendo que o combate (se efetuado demasiado tarde) exige uma gestão que supõe um elevado custo económico.

Além de Portugal, o LIFE COOP Cortaderia conta com a participação de países como Espanha e França, formando assim uma Aliança Transnacional no Arco do atlântico, com o objetivo de conter a expansão desta espécie e dos seus impactos negativos.



**Estratégia Transnacional contra  
Cortaderia selloana**

ENTIDADE ADERENTE

# MONCHIQUE RECEBEU SEMINÁRIO SOBRE GESTÃO DA FLORESTA E DA PAISAGEM

A Forestis promoveu um seminário sobre a Gestão da Floresta e da Paisagem do Algarve, no dia 13 de junho, em Caldas de Monchique.

O evento contou com uma forte adesão de público e serviu de plataforma para troca de conhecimentos e identificação de soluções para os desafios que o setor florestal enfrenta nesta região.

O Presidente da Forestis, Carlos Duarte afirmou que é imperativo dar eco nacional à voz dos produtores florestais algarvios, advertindo que: "a floresta é essencialmente propriedade privada,

eficácia a implementação das suas ações, contribuindo para a valorização da paisagem e acréscimo do rendimento dos proprietários florestais.

Por sua vez, o Diretor Regional do Algarve do Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), Castelão Rodrigues afirmou que: "temos de manter um território sustentável sem comprometer as gerações futuras, porque a floresta é um ecossistema com grande biodiversidade, com valor na retenção de carbono, na emissão de oxigénio na flora e fauna e na economia".

o investimento na prevenção do risco de incêndios.

Fazendo uma retrospectiva das temáticas abordadas foi unânime o entendimento de que as Zonas de Intervenção Florestal devem ser encaradas como a coluna vertebral da intervenção no território. Sendo certo que, se atualmente inexistem mais resultados a apresentar, deve-se às políticas titubeantes e da interrupção do financiamento. Foi este modelo organizacional que mais resultados produziu, sabendo-se que existem cerca de 2 milhões de hectares associados em ZIF.



só eles é que podem assegurar a concretização das políticas florestais".

O dirigente associativo reforçou a importância da adequação do Programa de Reordenamento e Gestão da Paisagem das Serras de Monchique e Silves- PRGPSMS à especificidade do território e a necessidade de promover com assertividade e

Para a Associação Florestal de Portugal esta ação no Algarve traduziu-se num importante passo, no sentido de selar um futuro mais promissor e sustentável para a floresta e paisagem algarvia.

Houve unanimidade pela defesa de uma gestão florestal mais ativa e resiliente. Foi elencada a necessidade de se reforçar

Deste modo concluiu-se que na região algarvia impera um tecido institucional forte e cooperante em torno da floresta, contudo regista-se a falta mecanismos e medidas de financiamento adequadas para as necessidades específicas do Algarve. A Forestis foi instada a continuar a corporizar ações semelhantes noutros concelhos do Sul do país.

# DESTAQUE



## TALK DA FORESTIS NA FIMAP SOBRE SEGURANÇA NO TRABALHO FLORESTAL

A Associação Florestal de Portugal levou a efeito a Talk "Segurança e Saúde no Trabalho Florestal", no dia 24 de outubro, no âmbito da FIMAP- Feira Internacional de Máquinas, Acessórios e Serviços para a Indústria da Madeira, Silvicultura, Exploração Florestal e Biomassa, na Exponor.

Perante uma vasta plateia, o diretor Centro Local do Alto Minho da ACT, Joaquim Silva explicou a dimensão da sinistralidade na atividade florestal, especificando os principais riscos e medidas de prevenção.

O orador abordou igualmente as obrigações do empregador salientando que o trabalhador tem direito a trabalhar em condições de segurança e saúde. Joaquim Silva esclareceu que: "o empregador deve garantir a mobilização de todos os recursos para cumprir essa obrigação. Identificar os perigos e avaliar os riscos profissionais são condições essenciais para selecionar as medidas de prevenção em cada atividade pelo que é crucial que sejam compreendidos pelos diferentes níveis de gestão de empresa

e de todos os trabalhadores. A segurança e saúde deve ser planificada e as medidas de prevenção devem abranger toda a atividade da empresa. A organização dos serviços de segurança e saúde no trabalho tem como finalidade o desenvolvimento das atividades de prevenção dos riscos profissionais e a promoção da segurança e saúde no trabalho".

O dirigente da ACT sublinhou a relevância da formação profissional para evitar acidentes de trabalho: "a informação e a formação dos trabalhadores é condição essencial para que compreendam os riscos a que estão expostos, as medidas que devem cumprir e o papel que desempenham na melhoria das suas condições de trabalho. A utilização de equipamentos de trabalho origina muitos acidentes, mas é possível utilizá-los de modo seguro".

Joaquim Silva, acrescentou que: "se ocorrer um acidente de trabalho deve haver preparação para atuar de imediato".

Por sua vez, o Presidente da Forestis, Carlos Duarte destacou a importância da atividade florestal ser exercida em condições de saúde e segurança, enaltecendo a exposição apresentada sobre o tema.

## INSTRUMENTOS DE GESTÃO PARA A FLORESTA E COMPETITIVIDADE



O Fórum realizado no dia 16 de outubro de 2024, na sede da Forestis, no Porto sobre os Instrumentos de Gestão para a Floresta e Competitividade reuniu mais de duas dezenas de técnicos das nossas OPF's.

O Presidente da Forestis, Carlos Duarte congratulou-se pela forte adesão de participantes nesta iniciativa, realçando a importância desta temática para o movimento associativo.

Os técnicos da Forestis, André Chaves e Miguel Gonçalves conduziram a sessão, apresentando os vários pontos de vista sobre os diversos assuntos abordados e instaram os participantes a darem a seu relevante contributo.

## VISITA DO SECRETÁRIO DE ESTADO DAS FLORESTAS A BOTICAS



O líder da Forestis, Carlos Duarte marcou presença na visita do Secretário de Estado das Florestas, Rui Ladeira à CAPOLIB - Cooperativa Agro Rural de Boticas, a 19 de julho.

Tratou-se de uma organização promovida pela Associada da Forestis, com o objetivo de apresentar o balanço de atividade do Agrupamento de Baldios do concelho de Boticas, bem como a dar a conhecer os projetos de cooperação e investimento em curso. Ao todo são 20 órgãos gestores de baldios, 22 unidades de baldio, que representam uma área total de 14.300 ha.

O presidente da CAPOLIB e dirigente da Forestis, Albano Alvares enalteceu a presença do governante, elencou a relevância dos vários projetos agregadores em que a Cooperativa está envolvida, destacando a importância do Estado olhar com particular atenção para esta região, que é desde, 2018, a única do país classificada como Património Agrícola Mundial, pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO).

Por sua vez, o Secretário de Estado das Florestas vincou que a Forestis tem sido o

“baluarte” das Organizações de Produtores Florestais, a nível nacional.

O governante sublinhou que tem realizado um périplo pelo país, desde que assumiu funções, para indagar as prioridades no setor florestal: “vir ao território para ver de perto as suas diversas especificidades e perceber aquilo que é necessário. O país precisa de reajustar os equilíbrios, de gerar riqueza. A capacidade dos recursos tem de chegar ao produtor.”

O evento contemplou uma visita de campo, onde foi possível ver in loco os projetos de transformação da Paisagem: instalação de pastagens biodiversas, Condomínios de Aldeia e povoamentos de gestão e ordenamento florestal.



## VISITA DE CAMPO À ÁREA PILOTO DE FIÃES DO TÂMÉGA E DO VERAL

A Forestis promoveu no dia, 13 de setembro, uma visita de demonstração à área piloto de Fiães do Tâmega e do Veral, em Boticas, integrada no WP1 – 1.4 Melhor Floresta da Agenda transForm, em parceria com a sua Associada-CAPOLIB.

Saliente-se que este projeto tem como finalidade desenvolver e promover as Boas Práticas Florestais, para tornar a floresta mais resiliente aos riscos a que está sujeita, promovendo-se igualmente uma gestão ativa.

Nesta área piloto foi possível visualizar pormenorizadamente as principais intervenções ocorridas, relacionadas com o reforço da atuação das Organizações de Produtores Florestais (02/C08-I05.02/2022) e execução de pequenas ações de estabilização pós incêndio de 2022, que afetou uma área de Pinhal significativa, aproximadamente 223 hectares, na Unidade de Baldio de Fiães do Tâmega e Veral.

No que concerne à outra ação implementada pela Associada da Forestis, teve como propósito a melhoria da resiliência e do valor ambiental das Florestas.

Com a execução das intervenções propostas pretende-se elevar a resiliência dos povoamentos, promover o seu bom desenvolvimento no futuro, e ter já algum retorno económico do mesmo (através da venda de material para biomassa florestal e para madeira tratada).

# EVENTOS POR DIVULGAÇÃO

## PRESIDENTE DA FORESTIS NO PROGRAMA TERRA 4.0

O Presidente da Forestis, Carlos Duarte foi um dos intervenientes do Programa Terra 4.0 que foi transmitido pela RTP3, no dia 6 de julho, que incidiu sobre a temática do mosaico agroflorestal e a preservação da biodiversidade.

O dirigente partilhou as preocupações que os proprietários florestais enfrentam atualmente e apontou o dedo às ações governativas que deveriam ser postas em prática para uma gestão ativa das florestas.

O Terra 4.0 é um programa sobre o mundo rural, empreendedorismo e inovação que dá a conhecer jovens agricultores e jovens empresários rurais a atuar em território nacional.

## FORESTIS DEFENDE INCENTIVOS MAIS ABRANGENTES AO MINIFÚNDIO

O Presidente da Forestis, Carlos Duarte foi um dos intervenientes do webinar “Incentivos ao minifúndio com sucesso”, promovido a 27 de junho, pelo Centro Pinus e a Associação Zero.

A Forestis no âmbito da sua missão e na qualidade de representante dos proprietários florestais e baldios nacionais apresentou a sua visão sobre os diferentes incentivos em execução, enaltecendo “o compromisso firme da Forestis junto dos pequenos e médios proprietários, com os baldios, através de um apoio de proximidade para criar melhores condições e viabilizar as florestas como ativos”.

Em Portugal existem mais de 400 mil proprietários, que representam 6 milhões de hectares de espaço florestais. Há 11 milhões de pequenas parcelas, em que “o proprietário por não ter expectativa de retorno abandona o espaço, o que é preocupante”, alertou o dirigente associativo.

Carlos Duarte vincou a urgência em criar políticas públicas ajustadas à realidade da floresta nacional. “É premente uma gestão agrupada que permita garantir uma redução de custos, um aumento de rendimentos e uma valorização naquilo que tem a ver com a qualidade na gestão das nossas propriedades florestais”.

No enquadramento legal é imperativo a vigência de uma lei-quadro do associativismo que determine as condições de reconhecimento das Organizações de Proprietários Florestais, versando as cláusulas em que o Estado pode

contratualizar com essas entidades o exercício de traf de interesse público.

Para a Forestis é, igualmente, fulcral visitar o modelo de Zonas e Intervenção Florestal, criadas em 2004, para atualizar aquilo que era, e que deveria continuar a ser, o seu plano de ação de intervenção coletiva, no apoio aos proprietários florestais.

No que concerne ao ponto de situação do projeto-piloto Vale Florestas, lançado pelo Fundo Ambiental, Carlos Duarte entende que é um apoio muito redutor, apenas para zonas vulneráveis e que não cobre a totalidade das necessidades das dezenas Associadas da Forestis.

O líder da Forestis apelou igualmente à intensificação do diálogo entre as OPF e a tutela, para encontrar urgentemente soluções construtivas para uma gestão robusta da floresta nacional.



## FORESTIS REALIZOU SEMINÁRIO EM BRAGA

A Forestis- Associação Florestal de Portugal organizou o Seminário “Baldios, Gestão e Competências”, no Altice Fórum Braga, no âmbito da Feira AGRO 2024, no dia 21 de março.

Na sua intervenção, o Presidente da Forestis, Carlos Duarte elencou o trabalho realizado no âmbito do Contrato Programa para a implementação dos Agrupamentos dos Baldios, advertindo para a necessidade do ICNF “promover um acompanhamento mais próximo às iniciativas das Associações, que apresentaram resultados auspiciosos”.

O dirigente ressaltou que é fundamental que a avaliação destes projetos, por parte da tutela, “não fomenta projetos a entidades que não têm histórico, nem representatividade destes espaços”. É evitável soluções pouco estruturadas e sem provas dadas na gestão dos Baldios, que podem constituir modelos pouco sustentáveis, podendo perturbar o trabalho desenvolvido e gerar desperdício de dinheiros públicos.

Por sua vez, os técnicos da Forestis e das suas Associadas desempenharam um papel ativo durante os quatro dias de realização do certame, através partilha de informações sobre as boas práticas de gestão florestal, apresentações e esclarecimentos sobre legislação ambiental e incentivos disponíveis às dezenas de proprietários florestais e demais ativos do setor que visitaram o stand.



## FINALISTA DO CONCURSO EUROPA SE SIENTE

A Forestis foi à final do “Concurso Anual de Comunicação de Fundos Europeus Europa Se Siente 2024” através do projeto BIOTECFOR+, que desenvolveu em parceria com o CTAG -Centro Tecnológico Automóvel da Galiza e a AFG- Associação Florestal da Galiza. A cerimónia teve lugar no dia 21 de junho no Teatro Moderno Chiclana, Cádiz, Espanha.

O projeto BIOTECFOR+ surge na sequência dos resultados e experiências adquiridas durante o projeto BIOTECFOR, que capitalizou soluções para a valorização dos recursos florestais do Norte de Portugal e da Galiza.

Este projeto com assinatura da Forestis, ambiciona potenciar a competitividade do setor florestal, contribuindo para elevar o crescimento socioeconómico das zonas rurais da região e reduzir o risco de incêndios através da conceção de um novo modelo de negócios, através da valorização de resíduos florestais em novas aplicações.

O Concurso Anual de Comunicação de Fundos Europeus Europa Se Siente 2024 é promovido pelo Ministério das Finanças e Função Pública de Espanha, com o propósito de captar visibilidade aos resultados do apoio aos fundos europeus no país.



## WORKSHOP NO BALDIO DE CARVALHELHOS

A Associação Florestal de Portugal realizou a 25 de setembro, um Workshop em Campo, no Baldio de Carvalhelhos, em Boticas, em parceria com a sua Associada- CAPOLIB.

Esta Unidade de Baldio está enquadrada ao nível do PROF de Trás-os-Montes e Alto Douro na sub-região homogénea do Barroso, com uma área total de cerca de 135 ha, que vão desde zonas de matos, até zonas de floresta e com uma altimetria compreendida entre os 755 e os 845 metros.

Esta comunidade há cerca de cinco anos formalizou a sua adesão ao grupo de certificação FSC (SGFS-FORESTIS) de modo a garantir uma maior valorização dos produtos provenientes do seu território e assegurar a sustentabilidade na obtenção dos mesmos.

A iniciativa da Forestis tem como objetivo analisar os serviços de ecossistema que estão a ser promovidos na unidade de gestão, bem como identificar as atividades de gestão implementadas e averiguar de que forma o procedimento de serviços de ecossistema do FSC pode ser aplicado. O workshop em Campo contempla três pontos de paragem: Povoamentos Florestais, Fonte dos Amores e Castro de Carvalhelhos.

# “SERÁ EXTRAORDINÁRIO SE CONSEGUIRMOS CRIAR JUVENTUDE ESTIMULADA PARA A GESTÃO E PARA OS VALORES DA FLORESTA”

José Francisco Silva \_ Presidente da Associação Florestal do Baixo Vouga



**A AFBV está a assinalar este ano os 25 anos de atividade. Qual é o balanço global deste percurso, com destaque para os principais desafios e conquistas da associação?**

A Associação Florestal do Baixo Vouga está efetivamente a comemorar os seus 25 anos de atividade com múltiplos eventos, mas isso é o menos importante. O mais relevante é olharmos para trás e vermos o que correu bem, o que correu menos bem e, neste caso, conseguirmos gerar novas dinâmicas para futuramente superar as dificuldades.

Nesta nossa área de intervenção, que abrange 11 concelhos, verificamos que algo não fizemos bem porque a floresta está cada vez mais abandonada. Não temos conseguido levar esta mensagem de que a floresta é a nossa casa. A floresta é economia que sustenta outros dois pilares: social e ambiental.

No futuro urge reforçar este tipo de mensagem que passa por fazer a transição para a nova geração de produtores florestais. A gestão florestal terá de comportar outros modelos de intervenção assentes em valores sociais e ambientais, ambos verificáveis.

Os modelos de gestão terão de incorporar ferramentas inovadoras que sejam percebidas pelos proprietários florestais.

Esta transição tem de ser comunicada com fiabilidade em tempo certo nos dois sentidos: comunidade de produtores/proprietários e comunidade de interessados nos ativos da floresta: indústria e comunidades que querem fruir a floresta.

A nossa OPF em particular e todas as outras espalhadas pelo território nacional terão de saber utilizar as ferramentas inovadoras, criando laços de presença com a gestão florestal, apesar dos proprietários estarem em geografias longínquas. Só assim, poderemos

prestar um verdadeiro serviço público a quem não podendo estar presente, quer continuar a manter as suas propriedades florestais.

É um aspeto a melhorar se queremos um futuro promissor, é crucial munir-nos de ferramentas que cheguem *just in time* a todos os proprietários.

Outro desafio fundamental passa pela capacitação interna e a criação de verdadeiras redes com operadores e empreiteiros, para darmos resposta eficaz à cada vez mais solicitada ajuda por parte dos proprietários florestais do minifúndio, que caracteriza esta região.

**O projeto pioneiro das Áreas Florestais Agrupadas na Associação Florestal do Baixo Vouga está a evoluir para núcleos de gestão, com áreas mais alargadas de floresta gerida e todos os benefícios inerentes. Qual é o ponto de situação?**

É um tema que tem merecido profunda reflexão da nossa associação. Será que é justo dizermos a um associado que não iremos gerir os seus 3 ou 4 mil metros quadrados de floresta? A AFBV quer continuar a estar presente e responder às necessidades apresentadas pelos seus atuais e futuros associados, mas com outro tipo de abordagem. Só é possível gerir esta tipologia de floresta no minifúndio se conseguirmos reduzir custos de operação e logística através da agregação da propriedade.

Para estimular esta agregação apoiamos com a oferta de serviços de acompanhamento e gestão, bem como com apoio financeiro à reflorestação ou restauro florestal. Para tal, os associados terão de ser apóstolos da mensagem de que juntos somos mais fortes e poderemos produzir mais e melhor riqueza florestal. É, assim, que têm surgido as áreas agrupadas. Não podemos operar nas micro propriedades, mas o proprietário, depois de nos ouvir, vai falar com os vizinhos e, geralmente, traz mais quatro, ou cinco e juntamos facilmente dois, três, quatro hectares. Aqui é lançada a primeira semente à terra para construir áreas agrupadas.

Por sua vez, estas áreas agregadas espalhadas pelo território servem como autênticas montras tecnológicas, laboratórios colaborativos vivos junto das comunidades. Estas áreas serão as primeiras pedras para o lançamento de grandes áreas integradas de gestão – UGFs.

Estas grandes unidades trabalharão os três grandes eixos:

**Sustentabilidade económica** que advém dos diferentes usos do território (produção de matéria-prima para a indústria nas suas diferentes variantes – material lenhoso, energia e mercado carbono, agricultura em grandes áreas libertadas para alteração de uso do território florestal);

---

**Sustentabilidade social** as comunidades estão sempre presentes nestes projetos com indicação dos ganhos que estes projetos liberam para as comunidades;

**Sustentabilidade ambiental**, um projeto desta envergadura terá que ser suportado por apoios públicos e privados que permitam que este tipo de intervenção em corredores ripícolas, em zonas de alta conservação de biodiversidade, de proteção contra incêndios, etc, não ocasionem perdas significativas económicas para as comunidades, tendo que ser tratadas como serventias ambientais publicas com o pagamento devido aos proprietários dos lucros cessantes.

**Considerando os modelos de gestão implementados em parceria com os vossos associados, que soluções são viáveis para executar no terreno atendendo aos incêndios ocorridos na região em setembro deste ano?**

Podemos afirmar que, efetivamente, estas soluções funcionam e o resultado foi positivo. Neste último incêndio diferentes áreas agrupadas conseguiram escapar do flagelo de fogo, mas quando falamos em território de uma certa dimensão florestal estes exemplos de 4, 5, 6, 10, 11, 12 hectares têm de começar a ser visíveis em áreas muito maiores.

Atualmente estamos a trabalhar num projeto (UGF) de 3.700 hectares que vai integrar várias áreas agrupadas. Estes pequenos modelos têm de ser a semente que se lança à terra para construir macro modelos, onde os três pilares os vão fundamentar. O económico, isto é, a produtividade, os custos por hectare baixam significativamente, a economia está aqui presente, e é no fundo o garante e sustentáculo deste tipo de operações, mas entram aqui dois pilares. O social, estes grandes projetos vão interferir na vida das pessoas, nas aldeias, nas comunidades, através da criação de verdadeiros corredores de proteção contra incêndios e também no pilar ambiental. Temos que, ter a coragem de dizer: aqui não podemos plantar a espécie A, temos de plantar a espécie B, porque ela é mais resiliente a fogos florestais, a incêndios florestais. Nestas zonas de grande alterar o mosaico florestal. A mensagem terá de passar e se nós juntarmos este pequeno esforço de dezenas de áreas agrupadas podemos migrar para os modelos de grande dimensão, onde se pode trabalhar de forma a responder a estas alterações climáticas. As alterações climáticas têm de ser combatidas de forma musculada, com intervenção no terreno, onde vamos juntar áreas de baldio, como propriedade privada. Esta interface tem de ser amigável, simples de realizar, onde as diferentes espécies podem conviver, mas devidamente ordenadas. Estamos envolvidos num projeto muito interessante que, em breve, será partilhado e tornado público, que demonstrará todo o nosso esforço, para implementar novos modelos de tamanho significativo para levar a cabo este desígnio.

**As alterações climáticas têm um impacto significativo nos ecossistemas florestais. Que medidas a AFBV está a implementar para mitigar os efeitos das alterações climáticas e adaptar a Floresta a esta nova realidade?**

Num momento tão difícil como este após incêndios acaba por ser uma oportunidade para todo o movimento associativo, porque os proprietários reclamam ajudas, precisamos de estar próximos dos produtores florestais.

Teremos de ir ao terreno e perguntar o que precisam. Os sinos atualmente tocam a arrebate, temos de ajudar as pessoas. Esse trabalho terá de ser feito para não acontecer o que aconteceu nos últimos incêndios. O que é que o movimento associativo terá de fazer? O movimento associativo nacional orientado pela nossa Forestis, terá de arranjar forma de contribuir com apoios públicos e privados (indústria do cluster das madeiras ou mecenas). Vamos apoiar as pessoas, ajudar a gerir as suas propriedades de forma, a que a floresta continue viva. Vamos tentar chamar as pessoas a este importantíssimo desígnio nacional: não percam a esperança, não abandonem a floresta.

Este gigantesco esforço terá de ser construído, partilhado e veiculado pelas entidades públicas que gerem o território: regiões intermunicipais, câmaras municipais, entidades de direito privado (associações e cooperativas e indústria). Entendo que ninguém se pode auto excluir desta tarefa.

**A gestão florestal sustentável é um tema cada vez mais atual. Que papel desempenha a AFBV na promoção de práticas florestais sustentáveis entre os seus associados e na comunidade em geral?**

É nesta questão que reside a essência dos problemas. Como é que vamos comunicar a um proprietário que a sua parcela que neste momento tem eucalipto ou pinheiro, terá de servir para criar corredores ou faixa de proteção contra incêndios? Isto é, a propriedade que herdou dos seus pais e que produziu riqueza no passado e no presente vai ser transformada numa serventia de proteção social e ambiental. Porque temos de prolongar uma grande faixa até e ao redor da aldeia, para aqui criar um importante corredor de proteção contra incêndios. O proprietário vai perder a rentabilidade que tinha aqui?

Como se explica às centenas de proprietários, que o eucalipto não pode estar aí e assim, vamos retirar o eucalipto e vamos plantar medronho ou plantar carvalhos? Porque é uma rede natura 2000 e queremos criar uma zona de maior resiliência, uma espécie de barreira protetora contra incêndios.

Nós poderemos fazê-lo, mas antes teremos de dizer que vamos integrá-lo numa grande área e numa grande mancha e vamos ver como é que vamos compensar os proprietários para que eles aceitem perder o seu rendimento futuro, que serviu em tantos casos para poderem pagar os estudos dos seus filhos, para poderem cuidar das suas propriedades, fazerem as suas casas e cuidar delas.

As ferramentas administrativas de gestão territorial existentes, que foram construídas a partir das bases, não respondem a este tipo de necessidades.

Todos sabemos o que é necessário fazer para alterar a paisagem, só que depois não existem verdadeiros e justos apoios para o proprietário florestal que permita que se retirem grandes áreas de rendimento para outro tipo de utilizações sociais e ambientais. É uma área de grande reflexão que tem de passar pelo movimento associativo, tem de envolver obrigatoriamente os proprietários, mas também a tutela.

**A participação dos jovens na gestão florestal é fundamental para garantir a sustentabilidade do setor a longo prazo. Que iniciativas a AFBV está a desenvolver para atrair e envolver a juventude no setor?**

Os jovens são o futuro em todas as áreas, mas a grande questão é: se não conseguimos evitar que os jovens com formação superior especializada saiam do país, como é que nós também os vamos convencer a tomar conta das propriedades dos pais, dos avós que irão herdar ou que já herdaram? Como podemos atraí-los para trabalhar no sector agroflorestal?

A Associação Florestal do Baixo Vouga tem veiculado ao longo destas últimas duas décadas junto das escolas e da academia, a importância da floresta para a vida no planeta.

Os jovens em idade escolar e universitária não sabem, muitas vezes, que a floresta que está ao seu lado, tem biodiversidade, tem riqueza diversa e que pode ser uma oportunidade de trabalho, de negócio, etc. É este trabalho que temos desenvolvido, para o qual dedicamos recursos humanos e investimento significativos para passar esta mensagem.

A floresta é nossa e tem de ter seguidores, tem de se apelar à nova geração, que não é só um espaço de realização profissional, mas é também um espaço lúdico e terapêutico para o nosso corpo e intelecto.

Estar na floresta é estar mais próximo da natureza, comungar com ela valores de respeito, de humildade, de interdependência com o nosso universo biótico. Temos de continuar a ter coragem de repetir vezes sem conta que a floresta é a casa de todos nós, vir até às universidades, fazer protocolos, promover palestras, é fundamental esta comunicação. E, igualmente, começamos a criar ferramentas comunicacionais e de gestão que a nova geração exige e necessita para explorar todo este biosistema.

A nova geração gosta de gerir a floresta a partir do seu smartphone ou do seu computador, porquê não? Será extraordinário se conseguirmos criar juventude estimulada para a gestão, para os valores da floresta, mesmo que seja sentado no seu gabinete ou à mesa do café. Como introduzir no terreno a gestão? O movimento associativo tem a resposta. O que precisamos é de atrair os jovens até nós e que nos informem: eu não posso fazer, não tenho tempo, não consigo, mas quero fazer aqui um protocolo com a Associação A, ou B ou C, para que vocês cuidem daquilo que eu tenho, daquilo

que eu herdei porque acredito que será bem gerido e acrescentará para a comunidade valores sociais e ambientais muito relevantes. As diversas ferramentas digitais terão de envolver por completo o movimento associativo e todo sistema socioeconómico que engloba.

**Em relação à certificação florestal que perspectivas existem para o futuro?**

A certificação florestal, já implementada em cerca de 30% do nosso mosaico florestal, tem de ser uma autêntica e eficaz forma de fazer verificação de conformidade das práticas de gestão florestal em toda a fileira. Desde a plantação, o abate, o transporte, quem transporta, quem cuida, quem presta serviço, quem recebe a madeira, o destino final desse material lenhoso transformado. Esta verificação de conformidade de toda a fileira terá de ser responsável, visível e explicada junto dos consumidores de forma que os símbolos FSC, PEFC façam sentido e sejam cada vez mais exigidos pelo mercado.

O que é que está mal? Será que a nossa checklist de verificação está correta? Tem de ser alterada? Tem de ser melhorada? Temos de ministrar formação aos *players* de toda esta fileira, para que não se cometam erros e para que no futuro as certificações não possam cair ou não possam ter telhados de vidro que vão permitir à comunidade efetuar críticas ferozes, que vão pôr em causa todos os sistemas. Para isso, o movimento associativo de base, nós movimento associativo de cúpula, temos de ter coragem e começar a pensar num novo modelo de gestão dos diferentes sistemas de certificação. Ouvimos com muita frequência junto de comunidades de produtores florestais discursos de que não vale apenas certificar porque o mercado acaba por pagar o mesmo preço pelos produtos sejam ou não certificados; ou: quem paga? Como podemos em propriedades de minifúndio suportar tais custos? Certificar meio à custa igual que certificar dez hectares. Como é possível? Questiona-se: o meu vizinho confinante vendeu a madeira ao mesmo preço que eu sem certificação. O madeireiro tratou da papelada. Entrou na fábrica certificada como a madeira da minha propriedade que a AFBV certificou, mas com custos adicionais relevantes. A certificação é um prémio às boas práticas da gestão florestal. Porque é que não chega aos bolsos do proprietário florestal?

Certificar não é realizar tarefas de acordo com aquilo que nos é mais fácil para nós operadores, para nós proprietários ou para nós clientes da matéria-prima - mercado.

Esta tríade tem de estar presente nesta reflexão. É preciso criar sistemas que introduzam ou façam uma mistura de todos estes interesses, mas devidamente suportados pela norma legal e que possa ser importante ferramenta de regulação de um setor, verificável e acompanhada pelos pares.

Quero acreditar que teremos de comunicar junto das comunidades, proprietários e gestores florestais o significado profundo da certificação: ela é o garante futuro de um planeta onde todos os sistemas bióticos poderão viver com mais felicidade.

Tratando-se de uma tarefa fundante e fundamental ela terá de ser obrigatória em todas as fileiras florestais (pinheiro bravo, manso, eucalipto, sobre, etc).

**A AFBV colabora ativamente com outras entidades e instituições. Poderia elencar algumas dessas parcerias e explicar como elas contribuem para o sucesso das ações da associação?**

A Forestis que assistiu à formação da AFBV e ao longo destes 25 anos foi a força motriz que nos ajudou a crescer enquanto organização, aproximou-nos de entidades tutelares da floresta e gestão territorial, permitindo realizar um verdadeiro e autêntico serviço público junto dos nossos associados e das comunidades suportado por projetos de formação em toda a fileira.

A transferência de conhecimento para todos os intervenientes deste cluster permitiu construir e implementar a certificação regional PEFC em estratégia coordenada com outras quatro iniciativas.

Nas últimas duas décadas outra parceria foi estratégica para a obtenção de disseminação de conhecimento e aumento de rentabilidade da floresta foi o RAIZ- Instituto de Investigação da Floresta e Papel.

A junção do saber de experiência feito com o saber alicerçado em investigação e tecnologia permitiu responder a um repto essencial para a produção de material lenhoso, como aumentar a produtividade das fileiras florestal de vocação industrial, com menos impacto ambiental.

Desde 2002 que a então Portucel agora The Navigator Company inicia uma abordagem diferente da floresta, o proprietário e produtor florestal são essenciais para o sucesso do negócio da pasta e papel. Esta aproximação começou por responder a uma questão muito simples. O que pode a indústria fazer para elevar os paupérrimos índices de produtividade da floresta portuguesa de vocação industrial? São construídas e apresentadas as primeiras montras tecnológicas com uso de novo material genético.

Volvidos oito anos lançamos algumas provocações à The Navigator Company, uma vez que constatamos que as medidas de inovação e tecnologia tinham resultados interessantes, mas não chegavam ao setor primário. Começam a ser pensadas e estruturadas as verdadeiras medidas de fomento florestal e a sua implementação no terreno. Surge o conceito de indústria próxima do proprietário florestal. A AFBV inicia este trajeto de aproximação e transferência de máximo valor económico para o proprietário florestal através do fornecimento direto à indústria.

O poder local foi e continua a ser importante no funcionamento e implantação da AFBV ao ceder instalações para podermos exercer este trabalho de serviço público. Há duas câmaras municipais que merecem registo público a de Albergaria à Velha e Anadia.

A Universidade de Aveiro onde permanentemente vamos buscar alimento para o nosso intelecto e de seguida implementar no terreno essa seiva regeneradora. Instituição deveras importante e omnipresente. Outra parceria que nos permitiu construir a EXPOFLORESTAL tornando a floresta mais visível, mais inclusiva e de usos múltiplos os Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha e ANEFA.

**O que falta para se alcançar uma gestão ativa e resiliente dos espaços florestais a nível nacional?**

A Floresta é a casa de todos nós. Enquanto nós opinião pública, nós proprietários florestais, nós indústria, nós governo, nós gestores territoriais, nós cidadãos, não chegarmos à conclusão que a nossa floresta tem de ser gerida como um condomínio com tudo o que isso implica, a nossa floresta continuará a apresentar graves fragilidades.

Cuidar de coisa comum significa a partilha de fruição de espaços comuns, a partilha de proveitos, mas também significa responsabilidade na gestão da coisa comum. Considero que temos enquanto comunidade, enquanto Estado, enquanto indústria e entidades gestoras do território contribuir ativamente e de diferentes formas para alimentar e cuidar esta nossa casa.

Da mesma forma que cuidar uma criança exige a ajuda de toda a aldeia, também cuidar da floresta exige a cooperação de todas as entidades quer sejam privadas ou publicas.

Quando fazemos manutenção de infraestruturas elétricas, esgotos, águas em áreas comuns, o que é que nós estamos a prevenir? Incêndios, cheias e estamos a prevenir inundações.

A floresta, enquanto não for vista desta forma, iremos continuar a assistir a acidentes bióticos e abióticos cada vez mais violentos. Que medidas cautelares teremos de ter a coragem de implementar:

- gerir o território agroflorestal de uma forma diferente: introduzir nos espaços agroflorestais descontinuidades de espécie de cultura.
- Criação de corredores que são importantes “serventias públicas” de proteção social (proteção contra incêndios) e ambiental (proteção anti desflorestação e perdas de biodiversidade).
- Tratamento igual das diferentes fileiras florestais: de conservação e de vocação Industrial. As espécies autóctones e exóticas de uso industrial terão de ter apoiadas de igual forma.
- Apoio público a todos os proprietários que perdem seu rendimento pelo facto de suas propriedades florestais no seu todo ou em parte passarem a ser utilizadas para outras funções sociais ou ambientais com perdas de rendimento.
- Apoios para redução de grandes cargas massas de biomassa florestal.

**A 3ª Reprogramação do PEPAC contempla uma redução drástica dos apoios ao setor florestal. No seu entendimento qual é a necessidade de fomentar políticas públicas e instrumentos financeiros para promover o investimento na floresta?**

O PEPAC deveria continuar a reforçar e suportar este tipo de políticas, apoiando a agregação da propriedade não só por aquisição de confinantes como também por compra ou gestão não só de propriedades confinantes como em propriedades que integram a mesma Unidade de Gestão Florestal.

Estas ferramentas de reorganização de gestão territorial ao introduzir a possibilidade de apoiar também a gestão nas áreas de minifúndio acaba por ser aceite por um grande número de proprietários que admite a possibilidade de entregar a gestão e entidades terceiras (OPF's) os seus ativos florestais, mas não querem vender. Esta alteração legislativa do emparcelar para gerir é urgentíssima.

O argumento que ouvimos com frequência da tutela que os cortes do PEPAC para a floresta se devem ao facto de não haver candidaturas é falacioso: não há candidaturas por duas razões: elas não refletem e respondem às verdadeiras necessidades do setor primário e deixam de fora a entidade administrativa regional (comunidades intermunicipais) que devia ter aqui um papel mais interveniente, porque estão muito perto das organizações de produtores, proprietários e gestores florestais.

Para criarmos espaços resilientes temos de alterar completamente o modelo de gestão que passa por agregar, que é aquilo que a Associação Florestal do Baixo Vouga está a fazer, de acordo com as suas possibilidades económicas financeiras, mas que estamos a executar com sucesso como é do domínio público.

Como avalia o contributo que a Forestis tem proporcionado ao longo destes 25 anos para o desenvolvimento da atividade da AFBV?

A Forestis tem sido e terá de continuar a ser uma luz que guia o movimento das organizações florestais. A velha máxima do povo diz que uma luz que vai à frente ilumina duas vezes. O seu contributo é muito positivo: na área organizacional, da gestão e da certificação o contributo da Forestis foi e continuará a ser determinante.

É necessário, no entanto, olhar para os desafios que o presente atribulado e um futuro incerto nos aguardam.

Neste período difícil resultante dos incêndios florestais, aumento de abandono da floresta por uma geração cansada e descrente, pressão pública para a implementação de procedimentos e ferramentas de gestão que oneram ainda mais a atividade florestal, incapacidade das OPF's para ser luz que ilumina e palavra que semeia esperança, economia que não pode ou não quer remunerar melhor os ativos florestais, tudo isto vai exigir que o movimento associativo de cúpula acione e reforce modelos de cooperação mais próximos com todo o movimento associativo.

Neste momento existem OPF's com problemas gravíssimos de teosouraria, impossibilitando-as de se auto capacitarem tecnicamente. É fundamental a Forestis estar capacitada de quadros para ajudar as OPF's. Este especto será crucial e no futuro fará toda a diferença.

A Forestis tem defendido os interesses de uma floresta bio diversa com entidades parceiras: governo, Indústria, gestores da floresta pública, organizações de proprietários florestais nacionais e internacionais.

A Forestis, que tem sido uma ponte que nos conduz para a outra margem, terá de alargar essa ponte para que por ela possam passar autênticos corredores formativos, de informação, capacitar quadros das associações, criar como está a fazer neste momento, ferramentas avançadas de gestão que possibilitarem ao movimento associativo poder dar o salto para uma sociedade mais informada e essencialmente comunicar de forma mais eficaz com os proprietários florestais. É, isso, que vai efetivamente começar a criar, não só valor florestal nacional, valor familiar, para as associações, mas começamos a criar a ideia perante a opinião pública, perante os jovens que a floresta que é a casa de todos nós, terá de ser gerida com o apoio de toda a comunidade.

O que considera ser a prioridade central para o setor florestal nacional?

É urgente todo o setor florestal nacional organizar-se e encontrar uma entidade suprafederativa, que seja o grande porta-voz da floresta em Portugal. Esta entidade a surgir, construiria as grandes linhas orientadoras para uma política florestal nacional e representaria os valores comuns de todas as fileiras florestais suportados pelos três pilares: económico, social e ambiental.

Como estruturante deste movimento deverá ser a ideia que a floresta é inclusiva e interativa, deverá ser sustentável, suportar os mais elevados critérios de conservação e serviço às comunidades.

Outra ideia estruturante é a admissão de que toda a tipologia de propriedade e todas as espécies existentes no território nacional (autóctones e exóticas). Assim, terão de ser tratadas em pé de igualdade de um ponto de vista de macro organização territorial, mesmo que em termos de apoios possam ser majorados ou minorados em função da sua rendibilidade e do seu modelo de gestão.



# A PERSPETIVA DA FORESTIS SOBRE OS BALDIOS EM MONTALEGRE

**O Presidente da Associação Florestal de Portugal participou no dia 21 de novembro no “Fórum Baldios- Que futuro?”, em Montalegre, promovido pela Associação Portuguesa de Agricultura Biológica - AGROBIO, no Pavilhão Multiusos. O evento teve como objetivo contribuir para o debate sobre os desafios que os baldios enfrentam e apresentar soluções que promovam o seu desenvolvimento na dimensão social, económica e ambiental.**

Durante a intervenção sobre “Baldios, que importância para a Floresta em Portugal?”, Carlos Duarte advertiu que no PEPAC há 7.2 mil milhões de euros e “para a floresta apenas existem 153 milhões de euros, ou seja, cerca de 2% deste valor. Torna-se preocupante naquilo que tem a ver com a sua importância estratégica. Os 6 milhões de hectares na floresta representam mais de 65% do território nacional, há aqui um potencial ao nível da coesão territorial, ao nível dos recursos endógenos e a criação de valor que é fundamental”.

É preciso ressaltar que o essencial é a propriedade privada, “temos 2% que é o Estado, cerca de 16% de floresta, mais espaços florestais em que 9% são baldios, em que a propriedade privada representa uma percentagem significativa, e a maior parte dos proprietários nem quer assumir essa propriedade porque não tem retorno. Não têm retorno financeiro, porque as fileiras não funcionam e muitas vezes o comércio e a indústria não renumeram”, elencou o Presidente da Forestis.

Para o dirigente é fundamental existirem contratos programa de comércio e indústria de forma a promover uma regulação dos preços e proporcionar remuneração ao proprietário e ao responsável pela gestão do espaço florestal.

De acordo com o líder da Associação Florestal de Portugal é crucial existir um esforço para reforestar os espaços florestais, nomeadamente as áreas ardidas, “dos anos de 2017 e 2023 a maior parte das áreas florestais ainda tem as varas ao alto. É, que,



nem sequer retiraram o material lenhoso do local, com todos os riscos paisagísticos, ambientais e até sanitários inerentes”.

Carlos Duarte lembrou que é inexistente qualquer política pública ajustada, quer no financiamento quer nas condições e licenciamento. “O regime jurídico para a rearboreção de 2017 foi claramente um bloqueio no global, em que poucas as áreas para licenciar foi possível e por isso para instalar um povoamento autóctone com pinhal de pinheiro-bravo penso que era necessário flexibilizar. Porquê que se está a percorrer aquele calvário todo, que só desincentiva o proprietário naturalmente a investir na sua parcela”.

Importa sublinhar que existem no país 3 milhões de hectares, destes 11 milhões são parcelas, temos mais de 400 mil proprietários e por isso, “é fundamental que estes proprietários, estejam em condições de assegurar uma gestão ativa, uma vez que não residem junto das suas propriedades”, assegurou o dirigente.

Nesse sentido o papel das associações, das Organizações de Proprietários Florestais é fulcral porque além de representar os

interesses legítimos do proprietário e de dar apoio técnico, pode e deve substituir-se ao proprietário assegurando em escala aquilo que são as operações florestais necessárias para promover uma gestão ativa e garantir outra expectativa naquilo que tem a ver com a sustentabilidade na gestão de todos esses espaços.

“Como há muitas organizações de produtores florestais, entendemos que deve haver uma Lei-quadro do associativismo para definir as condições de reconhecimento das OPF’s, para garantir o mínimo de representatividade, quer nas áreas baldias, entre os proprietários privados e a capacidade técnica necessária mínima para serem reconhecidos como tal. E desse quadro definimos também um contrato-programa em que o Estado possa transferir para as organizações algumas tarefas fundamentais para a gestão ativa e o que as organizações possam fazer aquilo que o Estado tem dificuldade em executar”, considera Carlos Duarte.

Participaram na mesa-redonda, José Carlos Pires e Pedro Gomes da Baladi, Sandra Sarmento, diretora regional do ICNF, Manuel Sousa da COOPBARROSO e Hernâni Carvalho, comandante da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Salto e teve como moderador Arlindo Cunha, o antigo ministro da Agricultura.



# FLORESTAS E MUDANÇAS CLIMÁTICAS



OPINIÃO

Fernando Mota\*

A Floresta representa o ativo mais disponível que o país possui no combate às alterações climáticas, através da fixação de carbono atmosférico, da regularização dos ciclos hidrológicos e da proteção dos solos.

Face ao quadro de impactos críticos das mudanças climáticas (mudanças na temperatura, velocidade do vento, humidade, intensidade de tempestades, necessidades de água para as práticas agrícolas, pragas, inundações, mudanças nos agroecossistemas, despovoamento humano), as medidas de transição minimizarão as consequências negativas, já em curso, nas economias e nas condições de vida das comunidades, obviamente, mais ou menos afetadas conforme os seus espaços envolventes e as atividades agrícolas que suportem.

Estes cenários devem orientar a seleção de espécies, mais resistentes a pragas e a doenças e a prática de silviculturas adequadas às espécies de árvores plantadas, permite que uma **estratégia eficaz de adaptação** às mudanças climáticas seja posta em prática, pois permite que as espécies sejam melhoradas (clonadas) tendo em conta os cenários das condições de produção.

Quando as condições climáticas mudam, como aconteceu muitas vezes no passado, e dependendo da gravidade da mudança, as espécies ou se adaptam (genética ou comportamentalmente), migram à procura de condições adequadas ou morrem.

Diversas estratégias de adaptação concentram-se em aumentar a capacidade de absorver e aproveitar os benefícios dos distúrbios da mudança climática (maior resiliência) ou aumentar a capacidade de um sistema de lidar com a mudança climática (construir capacidade adaptativa e, portanto, reduzir a vulnerabilidade). Os conceitos de resiliência e vulnerabilidade estão, assim, fortemente ligados à adaptação.

A adaptação é definida como: "Ajustamento dos sistemas naturais em resposta a estímulos climáticos atuais ou esperados ou os seus efeitos, que moderam o dano ou exploram oportunidades benéficas".

A adaptação pode ser antecipatória ou reativa, autónoma ou planeada. A adaptação biológica é autónoma e reativa: os organismos reagem ao longo do tempo a mudanças nas suas condições.

Evitar a deflorestação (evitar emissões) e aumentar a biomassa florestal (sequestro de carbono) são, assim, um grande potencial de mitigação.

Os baldios de montanha, podem ter, como já foi dito, um papel único no processo de adaptação das comunidades vegetais.

A mitigação das mudanças climáticas assume principalmente a forma de sequestro de carbono, por ex. biomassa, acima ou abaixo do solo.

Adaptação às mudanças climáticas é em grande parte uma função de conteúdo da matéria orgânica do solo e de tecnologias de cultivo diversificadas e de multiespécies.

A promoção de Indústrias de base florestal direcionadas para produtos de alto valor acrescentado e duráveis, nomeadamente aqueles que, com facilidade, são incorporados nas atividades de construção, mobiliário, entre outras, em substituição de produtos artificiais de elevada pegada carbónica, é seguramente uma forma de sequestro de carbono fora dos ambientes florestais e uma contribuição de forma sustentável para mitigar as alterações climáticas.

Mesmo que as medidas de adaptação sejam totalmente implementadas, as mudanças climáticas não mitigadas, ainda neste século podem exceder a capacidade de adaptação de muitas florestas.

A política que promove a GFS/C&I, por exemplo, pode intervir na mitigação das mudanças climáticas através do aumento do sequestro e armazenamento de carbono, enquanto promove autonomamente a adaptação das florestas através do aumento do potencial natural de adaptação das florestas.

Os gestores florestais, devem ser flexíveis para implementar as medidas de adaptação mais adequadas às situações locais.

Finalmente, as previsíveis alterações que acontecerão na vegetação, apontam para a substituição dos tipos e dos regimes de florestas nos espaços afetados, desde que a velocidade da mudança climática o permita. De facto, sendo as florestas veteranas da adaptação às alterações, variações ou mudanças climáticas, a verdade é que a escala temporal a que aconteciam, era o período geológico e não a rapidez a que o fenómeno desta mudança está a acontecer.

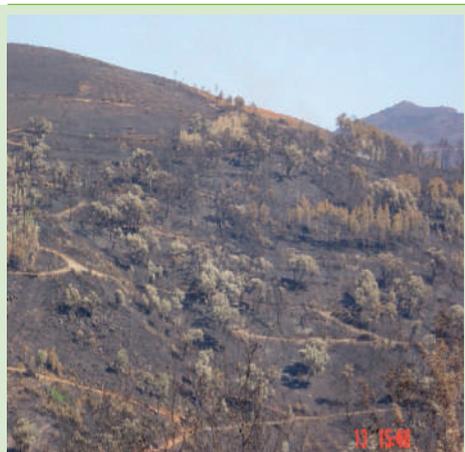
## A séria questão da água

As florestas podem e devem desempenhar, também aqui, o mais importante papel, assegurando o aprovisionamento em água doce, mas a sua gestão deve acompanhar e completar a gestão da água.

As bacias hidrográficas arborizadas de montanha exigem particular atenção, dado que são, de entre as zonas de produção de água doce, as mais importantes.

As comunidades de montanha devem ser pagas pelos benefícios que ajudam a direcionar para as zonas baixas.

As florestas podem e devem desempenhar, também aqui, o mais importante papel, assegurando o aprovisionamento em água doce, contudo a sua gestão deve acompanhar e completar a gestão da água.



*Incêndio em sobreiros.*

As bacias hidrográficas arborizadas de montanha exigem particular atenção, dado que são, de entre as zonas de produção de água doce, as mais importantes. Por isto, as comunidades de monta-

nha devem ser pagas pelos benefícios que ajudam a direcionar para as zonas baixas.

### **Os incêndios de “Florestas”**

Os incêndios florestais, expõem em cada verão, as fragilidades dos espaços rurais, cujas causas próximas, resultam da combinação do abandono rural, da falta de gestão florestal e das mudanças climáticas, evidenciando pela sua dimensão em Portugal, para além da tragédia em si mesma, a necessidade do reaprofundamento das tão esquecidas, quanto ancestrais, relações de interdependência entre a árvore e o homem, a floresta e a sociedade.

Repetidas, até à exaustão, aquelas causas, redescobertas, anualmente por tantos “especialistas em fogos florestais e em florestas as quais de facto, ajudam na dimensão anual do fenómeno mas, invariavelmente, escondem a indesculpável descoordenação no combate, e apontam a maior responsabilidade às duas “criminosas espécies”, o eucalipto e o pinheiro bravo, tidas como as únicas espécies portadoras da maior inflamabilidade e combustibilidade que assim justificam a sua imolação no altar das espécies boas e incombustíveis.

Contudo, todos os anos se colhe a lição, de que e, desgraçadamente, as “espécies esperança”, endémicas ou não, tidas por muitos bem-intencionados, ou atrevidos, indutores ou fazedores de opinião, como a grande solução para o problema dos fogos florestais, são igualmente sacrificadas, embora na escala da sua presença nos espaços percorridos pelo flagelo.

A verdade é que, num país aonde a área florestal já está tão fragmentada que, fora de condições de clima excecionais, é incompreensível a dimensão que atingem quase todos os incêndios. Estes não têm de ser uma fatalidade, nem as mudanças climáticas justificam tudo.

Se forem avaliadas com lucidez, a dimensão de cada mancha percorrida pelo incêndio, é difícil entender os custos de combate e a generalização das “estratégias” de combate em cada caso, dado que as

diferentes importâncias dos povoamentos ou dos espaços no conjunto das valências económica, ambiental e social o não justificar. É, pois, incontornável uma melhor racionalidade dos custos, outra abordagem do combate e dos meios a envolver, em nome dos dinheiros públicos.

Será mais eficaz ir substituindo uma parte dos meios a envolver no combate, pela presença e, permanência do pessoal com profundo conhecimento do terreno, como é o caso, ou deveria ser, dos sapadores florestais, com relevo para os das associações florestais, sendo as poupanças encaminhadas para a ajuda à melhor remuneração deste pessoal e, se possível para a produção florestal.

O estabelecimento, por bacia de abastecimento, de prémios para áreas poupadas a fogos, que vem sendo falada, parece uma boa medida.

Depois é decisivo que em cada incêndio florestal, haja um só dono do problema.

### **Os desafios da Investigação e Desenvolvimento (I&D)**

A investigação ferve em projetos e instituições que se sobrepõem. Vive da iniciativa do investigador, guiado pelos seus objetivos curriculares. Assim, são intrinsecamente aleatórios os resultados práticos por si gerados. Qualquer análise rudimentar mostrará que a relação

resultados/meios nunca foi tão positiva como nas décadas de 40 e 50, no tempo de Vieira Natividade (Carolina Varela).

- Na hierarquização das prioridades de (I&D), e face ao diálogo internacional atual, para além de outras, parece ser de formular recomendações específicas para a Investigação nas áreas de:
- Contribuição/balço das florestas para o sequestro de carbono,
- Estratégias de adaptação às mudanças climáticas,
- Sustentabilidade do abastecimento de madeira,
- Silviculturas de reabilitação de solos, e de gestão da água,
- Cenários dos mercados futuros de madeira.

Como notas finais releva-se que:

- Não deve esquecer-se de ter em consideração que os aspetos ecológicos e sociais, são um produto derivado e sistematicamente garantido de uma opção económica.
- Arborizar para tornar a paisagem mais verde? Isto a natureza faz melhor e de graça!
- “Um bom produtor de árvores deve ser um bom produto ambiental”.

*\*Engenheiro Silvicultor*

## ORGANIZAÇÃO DE PRODUTORES FLORESTAIS

SIGLA	NOME	MORADA (SEDE)
<b>CSAVILANOVACEIRA</b>	Cooperativa Social e Agroflorestal da Vila Nova do Ceira	Largo da Igreja, 3330-460 V.N.Ceira
<b>AFC</b>	Associação Florestal do Cávado	Avenida Alfredo Ramos nº24, 4715-350 Fraião - Braga
<b>VALMINHO FLORESTAL</b>	Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho	Avenida Miguel Dantas, nº69, 4930-678 Valença
<b>CELFLO</b>	Associação de Produtores Florestais	Rua de S.João, nº 3, 6360-315 Celorico da Beira
<b>AFLIMA</b>	Associação Florestal do Lima	Rua Poço de Cabaços N.º 61 - Feitosa, 4990-264 Ponte de Lima
<b>AFVS</b>	Associação Florestal do Vale do Sousa	Rua D. António Ferreira Gomes, nº858, 4560-230 Milhundos - Penafiel
<b>AFLODOUNORTE</b>	Associação Florestal do Vale do Douro Norte	Edifício D. Manuel V - Rua Militão Beça Ribeiro, Lj. 3, 5190-139 Murça
<b>PORTUCALEA</b>	Associação Florestal do Grande Porto	Rua da Portelinha, nº289, 4510-638 Fânzeres
<b>AFEDT</b>	Associação Florestal de Entre Douro e Tâmega	Rua António Moreira s/n, 4630-472 Marco de Canaveses
<b>ARBOREA</b>	Associação dos Produtores Agro-Florestais da Terra Quente Transmontana	Edifício Casa do Povo - R. Dr. Alvaro Leite, nº 3, 5320-332 Vinhais
<b>CAPOLIB</b>	Cooperativa Agro Rural de Boticas	Avenida do Eiró, Nº 19, 5460-320 Boticas
<b>ASVA</b>	Associação de Silvicultores do Vale do Ave	Centro Comercial da Vinha, Rua D. Pedro V, nº715, loja 57, 4785-306 Trofa
<b>URZE</b>	Associação Florestal da Encosta da Serra da Estrela	Rua Cidade da Guarda, Ed. da Estação de Camionagem, r/c, 6290-361 Gouveia
<b>AGRIARBOL</b>	Associação dos Produtores Agroflorestais da Terra Quente	Avenida Infante D. Henrique, Ed. Translande, nº 12 - s/2, 5340-219 Macedo de Cavaleiros
<b>AFBV</b>	Associação Florestal do Baixo Vouga	Centro Coordenador de Transportes, Lj. 7, 3850-022 Albergaria-a-Velha
<b>AFEDV</b>	Associação Florestal de Entre Douro e Vouga	Avenida das Escolas, nº1, Apartado 148, 4540-110 Arouca
<b>RIBAFLO</b>	Associação Florestal de Terras de Riba Douro	Avenida D. José I, nº64 - Arneirós, 5100-891 Vila Nova de Souto D'el Rei
<b>AFACC</b>	Associação Florestal e Ambiental do Concelho de Chaves	Antigas Instalações do Matadouro, Estrada Nacional n.º 103, 5400-122 Chaves
<b>AFCGOIS</b>	Associação Florestal do Concelho de Góis	Praceta Teófilo Braga, nº3, 3330-345 Góis
<b>APFLO</b>	Associação de Produtores e Proprietários Florestais do Concelho de Pedrógão Grande	Largo da Devesa, Nº 5, 3270-101 Pedrógão Grande
<b>APFAM</b>	Associação de Produtores Florestais de Alvólos e Murada	Urbanização Salinas, Bloco 2D, 6160-485 Oleiros
<b>VERDELAFÕES</b>	Associação de Produtores Florestais	Centro Coordenador de Transportes, 3670-254 Vouzela
<b>CEDRUS</b>	Associação de Produtores Florestais de Viseu	Rua do Arrabalde, nº25, 3500-081 Viseu
<b>AGUIARFLORESTA</b>	Associação Florestal e Ambiental de Vila Pouca de Aguiar	Central de Camionagem - Loja nº4, 5450-011 Vila Pouca de Aguiar
<b>AFLOPINHAL</b>	Associação Florestal do Pinhal	Rua General Humberto Delgado, 21 - Edif. DUECEIRA, 3200-242 Lousã
<b>APFCAN</b>	Associação de Produtores Florestais do Concelho de Alcobaça e Nazaré	Rua da Estação, Antiga Escola Pataias - Gare s/nº, 2445-416 Pataias
<b>AFRP</b>	Associação Florestal de Ribeira de Pena	Casa da Torre - Cerva, 4870-042 Ribeira de Pena
<b>APFCA</b>	Associação Produtores Florestais do Concelho de Arganil	Centro Empresarial e Tecnológico de Arganil, Avenida Irmãos Duarte, 3300-013 Arganil
<b>SILVIDOURO</b>	Associação Agro-Florestal	Praça do Mercado, nº 18, 5370-287 Mirandela
<b>AMFALA</b>	Associação de Manutenção Florestal dos Amigos do Litoral Alentejano	Zona Industrial Ligeira 2, Rua G - Lote 1183, 7520-309 Sines
<b>COOPBARROSO</b>	Cooperativa Agrícola do Barroso	Rua Vítor Branco, Mercado Municipal, Loja nº1, 5470-245 Montalegre
<b>AGRO-LILA</b>	Associação Agro-Florestal das Terras do Lila	Avenida Eng. Francisco Baptista Tavares, Nº 7-A, 5430-620 Veiga de Lila / Valpaços
<b>ALTO DA BROCA</b>	Associação de Produtores Florestais do Alto da Broca	Rua da Escola, nº 12, 6420-793 Vilares / Trancoso
<b>CUMEADAS</b>	Associação de Proprietários Florestais das Cumeadas do Baixo Guadiana	Edifício da Escola Primária, R. da Escola, 8970-307 Pereiro - Alcoutim
<b>MUTUA DE BASTO</b>	Associação Des.Rural,Mútua Seguros Multi-Serviços, Mut.Basto-Norte	Rua Antunes Basto, nº 344, 4860-351 Cabeceiras de Basto
<b>APOSC</b>	Associação para o Ordenamento da Serra da Cabreira	Espaço do Município - Praça Guilherme de Abreu, 4850-527 Vieira do Minho

## CONTACTOS

WEBSITE / FACEBOOK	EMAIL	TELEFONE / TELEMÓVEL
www.coopvnc.pt	geral@coopvnc.pt	235 770 170 / 917 642 589
www.afcavado.pt	geral@afcavado.pt	253 218 713 / 917 384 000
facebook.com/valminhoflorestal	geral@valminhoflorestal.com	251 800 558
facebook.com/celflor.produtorestais/ www.aflima.pt	celflor.celorico@gmail.com afloreslima@gmail.com	271 747 450 258 944 103
www.afvs.ws	geral@afvs.ws	255 213 415
www.aflodounorte.pt	geral@aflodounorte.pt	259 518 430 961 390 662 / 935 718 686
https://portucalea.pt/site/ www.maisfloresta.com	geral@portucalea.pt geral@maisfloresta.com	224 631 866 / 935 631 867 / 9 255 523 556 / 965 643 079
www.arborea.pt	geral@arborea.pt	273 770 070
www.capolib.pt	geral@capolib.pt	276 418 170
	asva@sapo.pt asso.ave@gmail.com	252 176 130
www.urze.org	urze.estrela@gmail.com	238 498 160
	agriarbol@gmail.com	
www.afbaixovouga.pt	geral@afbaixovouga.pt	234 524 056
www.afedv.pt	afedv@afedv.com.pt	256 949 041
www.ribaflor.pt	geral@ribaflor.pt	254 619 440 914 508 429
www.afacc.pt	geral@afacc.pt	276 326 702 968 779 809
www.afcgois.pt	geral@afcgois.pt	235 778 828
www.facebook.com/apflor	geral@apflor.pt	236 488 837 / 969 529 142
	apfam@sapo.pt	272 682 380 / 969 846 867
www.verdelafoes.org	verdelafoes@gmail.com	232 772 018/21 / 968 492 608/9
facebook.com/cedrusapfv/?locale=pt_PT	geral@cedrusviseu.org	232 432 559 / 913 357 209
facebook.com/aguiarfloresta/?locale=pt_PT	geral@aguiarfloresta.org	259 417 634
www.aflopinhal.pt	aflopinhal.net@gmail.com	239 991 563 967 436 771
facebook.com/profile.php?id=100064673530596&locale=pt_PT	apfcan@sapo.pt	244 580 961
m.facebook.com/100094685584970/ facebook.com/APFCArganil/?locale=pt_PT	afrp.geral@gmail.com apfcarganil@gmail.com	259 470 855 / 913 149 350 913 304 419
silvidouro.com/ sites.google.com/view/amfala/home?pli=1	silvidouro@gmail.com amfala@hotmail.com	278 249 032 / 929 049 644 924 015 554
www.coopbarroso.pt	geral@coopbarroso.pt	276 009 132 / 276 518 143
www.facebook.com/people/Agro-Lila-Associação-Agro-Florestal-das-Terras-do-Lila/100054646170401/ facebook.com/altodabroca?locale=pt_PT	agro-lila@sapo.pt altodabroca@gmail.com cumeadas@gmail.com	278 769 426 271 881 089 / 933 434 928 281 547 408
https://www.facebook.com/p/M%C3%BAtua-de-BastoNorte-61557709313218/?_rdr	geral@mutuadebasto.pt	253 662 311
	geral.aposc@gmail.com	963 401 891



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu Agrícola  
de Desenvolvimento Rural  
*A Europa Investe nas Zonas Rurais*